



## O ALUNO DISLÉXICO E AS CONTRIBUIÇÕES PEDAGÓGICAS NO ASPECTO ENSINO E APRENDIZAGEM

Débora Rosa Silva<sup>1</sup>  
Eliane Torquet Rodrigues<sup>2</sup>  
Legiane de Oliveira Rebusi<sup>3</sup>  
Nelma Sgarbosa Roman de Araújo<sup>4</sup>

**RESUMO:** A dislexia se configura com um transtorno da aprendizagem, que se caracteriza pelo indivíduo apresentar dificuldades no reconhecimento, na decodificação e/ou na soletração de palavras. Seu diagnóstico normalmente ocorre no contexto escolar, durante o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. Todavia, após o diagnóstico, nem sempre o dislético recebe um encaminhamento pedagógico direcionado a sua necessidade. Dessa maneira, consideramos fundamental que o profissional relacionado ao sistema educacional conheça os procedimentos básicos para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do dislético. Nesse sentido, este estudo tem como objetivo geral compreender a dislexia no contexto da escola comum. Especificamente pretende-se apresentar o conceito e a historicidade referente à dislexia, apontar a relação entre o dislético e a escola, bem como enfatizar os encaminhamentos pedagógicos possíveis. Para dar conta desse proposto, a estruturação do presente texto é decorrente de uma pesquisa exploratória, bibliográfica, de cunho qualitativo e básico. Para a discussão desta pertinente questão utilizou-se como bases teóricas os trabalhos de José e Coelho (1999), Moojen e França (2006), Rotta e Pedroso (2006), dentre outros especialistas no assunto. Concluiu-se, pelos estudos realizados, que a dislexia é um distúrbio que requer um tratamento específico, considerando que oscila de acordo com sua classificação. O fato é que existem encaminhamentos pedagógicos que visam oportunizar o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem do dislético. No entanto, no ambiente escolar, o dislético passa por dificuldades, pois além de possuir esse distúrbio, muitos profissionais desconhecem e/ou possuem pouca informação sobre esse o assunto.

**Palavras-chave:** Educação Especial. Dislexia. Encaminhamentos Pedagógicos.

### 1 INTRODUÇÃO

É comum ouvir no ambiente escolar profissionais reclamando da “preguiça” ou “falta de atenção” dos discentes. Contudo, ressaltamos que não se pode negar que há casos em que a falta de incentivo ou de metodologias diferenciadas e inovadoras desestimulam os alunos, os

<sup>1</sup> Especialista em Educação Especial. Graduada em Pedagogia. E-mail: debora\_karoline@hotmail.com.

<sup>2</sup> Especialista em Educação Especial. Graduada em Pedagogia. E-mail: etorquet@gmail.com.

<sup>3</sup> Especialista em Educação Especial. Graduada em Pedagogia. E-mail: legianeoliveira@yahoo.com.

<sup>4</sup> Doutora e Mestre em Educação para as Ciências e a Matemática. Especialista em Educação Especial e em Supervisão, Orientação e Administração Escolar. Professora de Ensino Superior e Educação Básica na Modalidade Educação Especial. E-mail: nelmasra76@gmail.com.

deixando sem interesse pelos estudos. Mas, existem casos em que a dificuldade realmente existe e que se trata de um distúrbio, não de preguiça como pensam muitos pais e/ou responsáveis e professores desinformados no contexto escolar.

Nesse cenário, destacamos a presença de alunos com dislexia no ambiente escolar, que é entendida por muitos como um estereótipo, justamente pela falta de propagação de informações e conhecimento desse distúrbio. Assim, no ambiente escolar, o disléxico passa por diversas dificuldades, justamente pela falta de preparo profissional e desconhecimento sobre esse distúrbio.

Diante desses levantamentos, consideramos que o profissional relacionado ao contexto educacional, deve ter um conhecimento sistematizado referente à dislexia, bem como, saber os encaminhamentos pedagógicos que o mesmo deve ter ao lecionar para um disléxico, pois é importante que os docentes conheçam as dificuldades, particularidades e direitos do disléxico. Consideramos que esse profissional pode ter contato direto ou indireto em seu trabalho cotidiano com um aluno que possua esse distúrbio. Dessa forma, é fundamental que esse profissional possua no mínimo o entendimento do que é a dislexia, bem como, desenvolver seu trabalho pedagógico com o disléxico.

Nesse sentido, este estudo tem como objetivo geral compreender a dislexia no contexto da escola comum. Especificamente pretende-se apresentar o conceito e a historicidade referente à dislexia, apontar a relação entre o disléxico e a escola e enfatizar os encaminhamentos pedagógicos possíveis.

No intuito de atingir esses objetivos, utilizou-se como bases teóricas os trabalhos de Ciasca e Moura-Ribeiro (2006), José e Coelho (1999), Gonçalves (2015), Moojen e França (2006), Rotta e Pedroso (2006), dividindo a fundamentação em dois momentos, a saber: primeiramente um breve entendimento sobre a dislexia e, em um segundo momento, alguns encaminhamentos pedagógicos que orientam o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do disléxico no âmbito escolar.

## **2 A DISLEXIA**

### **2.1 Dislexia: primeiros estudos**

Atualmente, tem se propagado gradualmente na sociedade, discussões referentes à dislexia. Esse direcionamento é decorrente da implementação e apresentação de políticas públicas inclusivas<sup>5</sup> no território brasileiro, principalmente nos estabelecimentos escolares. Todavia, nem sempre a legislação brasileira referiu-se à dislexia, isso é uma conquista recente, tanto para os disléxicos, como para outras pessoas que necessitam de atendimento especial, haja vista que, aquisição de direitos sociais para pessoas com necessidades especiais<sup>6</sup> é uma construção histórica. Nesse contexto, temos a dislexia, que atualmente possui um respaldo na legislação brasileira, bem como a propagação de estudos e pesquisas sobre esse distúrbio, que passou por modificações ao longo da história.

A primeira descrição histórica sobre a dislexia surgiu em meados do século XIX. Conforme Rotta e Pedroso (2006), o termo dislexia foi utilizado pela primeira vez em 1872, por Rudolf Berlim, um oftalmologista da Alemanha. O termo era utilizado como diagnóstico de um déficit apresentado por um jovem, que tinha dificuldade de leitura e escrita tendo em vista que ao mesmo tempo apresentava habilidades intelectuais normais. Esse caso clínico, foi publicado em 07 de novembro de 1896, por *Pringle Morgan de Seaford*, no *British Medical Journal*.

Os autores afirmam que, em 1917 o termo dislexia reaparece com o Dr. Hinshelwood, que se depara com pacientes com inteligência normal, porém com dificuldades em ler e escrever. A partir dessa constatação, o doutor então concluiu que, a principal causa para este distúrbio de leitura seria um defeito congênito no cérebro, que afeta a memória visual de palavras e letras.

Entretanto, os primeiros profissionais que reconheceram a dislexia como um distúrbio de aprendizagem foram os oftalmologistas. Em suas observações e pesquisas, constataram que a dificuldade não está relacionada aos olhos, mas na parte do cérebro do funcionamento das áreas de linguagem que ele possui. Consequentemente passaram a ocorrer observações em outras alterações nas funções cerebrais superiores, importantes para o desenvolvimento da leitura e da escrita (ROTTA; PEDROSO, 2006).

---

<sup>5</sup> Atualmente, temos no Brasil, algumas políticas públicas que garantem o direito a educação aos indivíduos que possuam necessidades especiais. Dentre os documentos que estão relacionados à dislexia, menciona-se a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996; e a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva, de 2008.

<sup>6</sup> “O termo ‘necessidades educativas especiais’ é usado hoje para se referir especificamente aos déficits relativos às capacidades de desenvolvimento de cada criança, no sentido de considerá-los elementos intrínsecos de sua pessoa, independentes do meio, mas preferencialmente ao desajuste que há entre as exigências comuns ou gerais do meio sobre o grupo a que pertence a criança e suas possibilidades pessoais de responder a tais exigências” (REOSERA; SERRAHIMA; ELIAS, 2004, p. 318).

Nesse sentido, ocorreram estudos mais centralizados sobre o transtorno de aprendizagem e a definição da dislexia, tendo em vista que se obteve um grande avanço no que se diz respeito à dificuldade de leitura e escrita. Sobre o estudo da dislexia no Brasil temos a Associação Brasileira de Dislexia (ABD), que tem avançando gradualmente em suas pesquisas sobre a temática estudada. Assim, entendemos que a terminologia e as formas de tratamento do disléxico passaram por alterações ao longo dos anos. Tais alterações foram fomentadas pela inserção de novos estudos e pesquisas sobre a dislexia.

Assim, assinalamos que a dislexia recebeu várias definições ao longo dos anos, sendo que atualmente o termo pode ser definido como:

[...] uma dificuldade que ocorre no processo de leitura e escrita, soletração e ortografia. Não é uma doença, mas um distúrbio com uma série de características. Torna-se evidente na época da alfabetização, embora alguns sintomas já estejam presentes em fases anteriores. Apesar de instrução convencional, inteligência adequada, oportunidade sociocultural e ausência de distúrbio cognitivo fundamentais, a criança disléxica falha no processo de aquisição de linguagem. A dislexia independe de causas intelectuais, emocionais e culturais. Há uma discrepância inesperada entre o seu potencial para aprender e seu desempenho escolar. É hereditária e a maior incidência é em meninos na proporção de três para um. Há em geral, também, uma história de atraso na aquisição e uso da linguagem falada (ORTON, 1937 *apud* JARDINI, 2010, p. 84).

Segundo Moojen e França (2006), o termo dislexia é empregado a todos os níveis de transtorno da aprendizagem da leitura e escrita. Para José e Coelho (1999, p. 90), “Os disléxicos precisam de tratamento especializado tanto quanto outros deficientes na área de linguagem, mas precisam, e muito, do auxílio do professor”. Conforme Ciasca e Moura-Ribeiro (2006), embasadas nas pesquisas desenvolvidas pela *World Federation of Neurology*, a dislexia é definida como dificuldade de aprendizagem e leitura, independentemente de instrução convencional e outros fatores, mas dependente de dificuldades cognitivas, que são de origem constitucional e funcional. De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia, a ;

A Dislexia do desenvolvimento é considerada um transtorno específico de aprendizagem de origem neurobiológica, caracterizada por dificuldade no reconhecimento preciso e/ou fluente da palavra, na habilidade de decodificação e em soletração. Essas dificuldades normalmente resultam de um déficit no componente fonológico da linguagem e são inesperadas em relação à idade e outras habilidades cognitivas (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DISLEXIA, 2016, p. 1).

Contudo, é preciso se ater que existem várias definições referente a dislexia, sendo que em ambas, o ponto em comum é a ausência de qualquer tipo de comprometimento mental e/ou físico, bem como, de “[...] condições estruturais e motivacionais eficientes e integralidade potencial, de maneira que, apesar dessas adequações, se verifica uma dificuldade na aquisição ou no desenvolvimento da habilidade da leitura e da escrita” (CIASCA; MOURA-RIBEIRO, 2006, p. 184).

Dessa forma, entendemos que, a dislexia é um distúrbio com origem neurológica que influencia na leitura e na escrita. Além disso, este distúrbio geralmente é percebido no período escolar, justamente pelo fato que nesse período somos mais cobrados quanto às nossas habilidades de leitura e escrita, sendo que o mesmo pode também ser diagnosticado na fase adulta.

Para Moojen e França (2006), o termo dislexia atualmente tem ocasionado um grande interesse pela divergência entre a maneira de se ver o conceito de inteligência e o desempenho escolar. Esse direcionamento tem o intuito de explicar como alunos que possuem capacidades intelectuais evidentes possam desempenhar-se tão mal diante de atividades de escrita e leitura. Dessa forma, o estudo e as formas de intervenção sobre a dislexia tem aumentado gradualmente.

A fim de entender a complexidade desse distúrbio, é necessário identificar que este pode ser classificado de várias formas, de acordo com critérios usados para classificação, como pedagógico e clínico. Segundo Rotta e Pedroso (2006), a classificação da dislexia oscila de acordo com seu grau de desenvolvimento no disléxico. Assim, para diagnosticar um disléxico é preciso realizar testes diagnósticos fonoaudiológicos, pedagógicos, psicológicos e muitas vezes psiquiátricos, no qual deve-se prestar atenção em diversos fatores, como os sinais apresentados na pré-escola; os sinais apresentados na idade escolar; as características na leitura e escrita; entre outros fatores.

Dentre os sinais presentes na pré-escola, Gonçalves (2015) destaca: o histórico escolar; o atraso na aquisição e no desenvolvimento da fala; o fraco desenvolvimento na coordenação motora; a dificuldade com quebra-cabeças; a dificuldade em sustentar a atenção; a dificuldade na memorização do alfabeto e para aprender o nome das letras; a falta de estruturação na organização sequencial temporal, entre outros. Com relação aos sinais apresentados na idade escolar, a autora assinala:

Dificuldade na aquisição e no desenvolvimento da leitura e escrita; Lentidão na leitura e escrita; Problemas ao ler palavras desconhecidas e logotomas (não-palavras); Vocabulário pobre, disnomias, sentenças curtas, com estrutura pobre ou omissão de pontuação; Dificuldade em desenvolver o texto, principalmente em organizá-lo temporalmente; Dificuldade na leitura e compreensão do texto lido; geralmente compreendem bem quando alguém lê o texto para eles; Presença de substituições, omissões e inversões de fonemas e junções e/ou segmentação de palavras- disortografia; Dificuldade na aquisição de habilidades linguísticas; Dificuldade com análise e síntese de um som de uma palavra; Reconhecimento lento e pobre de rima e aliteração; Dificuldade em aprender sequências em geral (alfabeto, dias da semana, meses do ano); Desatenção e dispersão; Dificuldade na coordenação motora fina; Dificuldade na coordenação motora global; Desorganização geral e desorganização temporal: atrasos na entrega de trabalhos e no material; Confusão entre direita e esquerda; Inabilidade em manusear mapas e dicionários; Dificuldade em uma segunda língua; Dificuldade em copiar de livros ou da lousa; Dificuldade na memória de curto prazo e na memória operacional necessárias para a compreensão de instruções de pequenos problemas e na memorização da tabuada; Dificuldade na matemática e desenho geométrico; Podem ocorrer problemas atitudinais em sala de aula; Desempenho inconstante; Bom desempenho em provas orais (GONÇALVES, 2015, p. 3-4).

Sobre as características na leitura e escrita, Gonçalves (2015) elucida a confusão entre palavras, letras ou sílabas com diferenças sutis de grafia e com grafia similar, mas com diferente orientação no espaço: b-d, p-b e q-d; a leitura lenta e silabada; a inversões de sílabas; as adições ou omissões de sons, palavras; os problemas na compreensão; as repetições, entre outros. A autora ainda destaca sobre os outros fatores que, “A dislexia pode ter alguns estados associados - comorbidade. As mais frequentes são: Dificuldade em Matemática [...]; Disgrafia; Disortografia Alterações do Processamento Auditivo Central” (GONÇALVES, 2015, p. 5); ansiedade; Transtorno do Déficit de Atenção e hiperatividade; e depressão.

Diante desses levantamentos, podemos dizer que, as dificuldades enfrentadas pelo dislético variam. Mas de uma forma geral, suas consequências afetam profundamente a condição emocional, considerando que as reprovações e o abandono escolar são ocorrências comuns na vida escolar do dislético, além de consequências mais profundas ao nível emocional, como diminuição do autoconceito; reações rebeldes e de delinquências; ou de natureza depressiva. Nesse sentido, é preciso que o profissional no contexto escolar se informe sobre esse distúrbio, a fim de minimizar as dificuldades que o dislético passa.

## **2.2 O dislético e a escola: papel do educador**

De acordo com o exposto anteriormente, destacamos que é na escola que a dislexia, de fato, aparece, ou melhor, é diagnosticada. Há disléxicos que revelam suas dificuldades em outros ambientes e situações, mas nenhum deles se compara à escola, local no qual a leitura e escrita são permanentemente utilizadas.

Todavia, a escola que conhecemos certamente não foi feita para o disléxico, pois objetivos, conteúdos, metodologias, organização, funcionamento e avaliação em um aspecto geral, não são direcionados para o disléxico, por não atender suas necessidades do mesmo. Não é por acaso que muitos indivíduos com dislexia não sobrevivem à escola e são por ela preteridos. E os que conseguem resistir a ela e diplomar-se o fazem, astuciosamente e corajosamente, por meio de artifícios, que lhes permitem driblar o tempo, os modelos, as exigências burocráticas, as cobranças dos professores, as humilhações sofridas e, principalmente, as notas.

Nesse cenário, é necessário que ocorram formas de intervenções adequadas para agir diretamente sobre as dificuldades vivenciadas pelo disléxico. Vale destacar que, a dislexia é um distúrbio e não tem cura, pois não é uma patologia, e também não é uma dificuldade que o aluno possui e pode ser corrigida com atividades específicas. Consequentemente, os disléxicos necessitam de um atendimento especializado na área da linguagem, tanto quanto as demais dificuldades.

Apontamos que sem possuir um conhecimento específico sobre a dislexia, os disléxicos são considerados em um aspecto geral, como pessoas desatentas; preguiçosas; sem vontade alguma de aprender. Consequentemente levando o disléxico a uma situação emocional conflituosa, marcada por frustrações. Nesse processo, a motivação é um segmento muito importante para o disléxico, “[...], pois ao se sentir limitada, inferiorizada, ela pode se revoltar e assumir uma atitude de negativismo. Por outro lado, quando se vê compreendida e amparada ganha segurança e vontade de colaborar” (JOSÉ; COELHO, 1999, p. 91).

O encaminhamento que pode amenizar as consequências desse distúrbio no processo de desenvolvimento do aluno é encaminhamentos pedagógicos, haja vista que proporcionará uma qualidade de vida, pois, desenvolverá meios para solucionar obstáculos que surgem no período escolar, e que facilitará a sua socialização no mundo da escrita, possibilitando uma melhor aprendizagem do aluno e superando suas limitações.

De acordo com José e Coelho (1999), o professor que deseja ajudar seus alunos nos problemas de linguagem, sabe que é necessário encaminhá-los para tratamento e colaborar

nesse tratamento. Mas ele sabe, também, que o atendimento gratuito é sujeito à grande espera e que o nível econômico da maioria dos escolares não permite tratamento particular. Reconhece então que, só por meio de um trabalho paciente e constante poderá prestar ao disléxico a ajuda que ele tanto necessita e tem direito dele, haja vista a propagação de políticas inclusivas no cenário brasileiro.

Nesse particular, é necessário entender as causas e as características da dislexia, procurando soluções e formas pedagógicas para se trabalhar as capacidades cognitivas do disléxico. Além disso, é fundamental que ocorra uma sintonia entre todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem do disléxico, por meio de um acompanhamento a fim de avaliar os progressos, os pontos de dificuldades e a necessidade de mudança de estratégias.

De acordo com o artigo publicado pelo Portal Educação, o papel do educador é primordial para amenizar o distúrbio de aprendizagem do aluno disléxico. Seguem algumas recomendações do artigo citado, com algumas alterações das autoras deste trabalho.

É primordial que o professor tenha paciência para trabalhar com este aluno, procurando atender suas necessidades. Para alfabetizá-lo não se deve fazer uso do método tradicional, pois o educando com dislexia não consegue internalizar o todo, requerendo um atendimento particularizado, com várias repetições, utilizando, também, o método fonético, pois sua dificuldade está, sobretudo, em fixar os fonemas. O trabalho deve começar pela leitura de livros de fácil compreensão, aumentando gradualmente o seu conteúdo. Ressalta-se a importância da parceria com os pais do disléxico.

Primeiro passo é o diagnóstico real do problema emitindo por um especialista, após, professores, juntos com os pais, necessitam conversar e expor o problema para a criança portadora de Dislexia. Deverá buscar restabelecer sua auto-estima, confiança através da orientação e instrução adequadas para que o mesmo, pouco a pouco, vá superando o trauma da sua incapacidade de aprender a ler e escrever corretamente. Outra maneira de ajudar este aluno é explicando para ele que sua dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita tem um nome: Dislexia, sendo que, o professor quer ajudá-lo a superar este problema e depende dele superá-lo, não desistindo no primeiro obstáculo, mas seguindo firme buscando com coragem e persistência o conhecimento como os demais (PORTAL EDUCAÇÃO, 2013, s.p.).

Outra vez, enfatiza-se a ideia de que o professor precisa ter calma com este aluno, pois ele será mais lento que os demais, necessitam dar mais tempo para ele fazer a prova, copiar a matéria da lousa, resolvê-la. Além disso, é necessário usar de diferentes estratégias para com este aluno, para que ele entenda o conteúdo como: o uso de materiais estimulantes e



interessantes, os quais ele possa ver sentir, ouvir, manusear, etc.: jogos, cartazes, histórias em CD, material dourado, etc., buscando ensiná-lo da maneira como ele entender melhor o conteúdo proposto mesmo que seja através de uma brincadeira onde tudo seja realizado na oralidade (adaptado de PORTAL EDUCAÇÃO, 2013, s.p.).

José e Coelho (1999) também destacam algumas sugestões que auxiliam a relação com o disléxico bem como seu ensino, apresentadas pela Associação Brasileira de Dislexia (ABD), quais sejam:

Estabelecer horários para refeições, sono, deveres de casa e recreações. As roupas do disléxico devem ser arrumadas na sequencia que ele vai vestir para evitar confusões e preocupações à criança (simplificar usar o zíper em vez de botões, sapatos e tênis sem cordão e camisetas). Quando for ensinar a amarrar os sapatos, não fique de frente para a criança; coloque-se a seu lado, com os braços sobre os ombros dela. Como a criança disléxica tem muita dificuldade para saber as horas, marque no relógio, com palavras, as horas das obrigações. Isso evita a preocupação da criança. Para as que têm dificuldade com direita e esquerda, uma marca é necessária. Isso pode ser feito com um relógio de pulso, um bracelete ou um botão pregado no bolso do lado favorecido. Reforçar a ordem das letras do alfabeto, cantando e dividindo-as em pequenos grupos. Ensinar a criança a “sentir” as letras através de diferentes texturas de materiais, como areia, papel, veludo, sabão etc. Ler histórias que se encontrem no nível de entendimento da criança. Instruir as crianças canhotas precocemente, para evitar que assumam posturas pouco confortáveis e mesmo prejudiciais, como encobrir o papel com a mão ao escrever. Providenciar para que a criança use lápis ou caneta grossos, com película de borracha ao redor e que sejam de forma triangular. A criança dislexia confunde-se com o volume de palavras e números com que tem de se defrontar. Para evitar isso, arranjar um cartão de aproximadamente 8 cm de comprimento por 2 cm de largura, com uma janela no meio, da largura de uma linha escrita e comprimento de 4 cm. Deslizando o cartão na folha à medida que a criança lê, ele bloqueia o acesso visual para as linhas de baixo e de cima e dirige a atenção da criança da esquerda para a direita (JOSÉ; COELHO, 1999, p. 91-92).

Contudo, destacamos que as intervenções pedagógicas destinadas aos disléxicos, muitas vezes, não se cumprem nos estabelecimentos de ensino, justamente pelo fato de que a dislexia não possui uma política pública específica para seu tratamento, dificultando ainda mais o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de qualidade com aluno disléxico.

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O desenvolvimento da pesquisa ocorreu por meio de um estudo bibliográfico, que segundo Fachin (2003, p. 125), possui como “[...] finalidade fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e proporcionar a produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa”. É também um estudo exploratório, pois “[...] permite uma maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, visto que este ainda é pouco conhecido, pouco explorado” (DUARTE, 2012, p. 1).

A pesquisa também é de caráter básico e sob um viés qualitativo. Vale destacar que a pesquisa básica “[...] procura o progresso científico, a ampliação de conhecimentos teóricos, sem a preocupação de utilizá-los na prática. É a pesquisa formal tendo em vista generalizações, princípios, leis. Tem por meta o conhecimento pelo conhecimento” (OLIVEIRA NETTO, 2008, p. 40). Enfatiza-se que é qualitativa por relacionar o sujeito com o mundo real em uma relação dinâmica, haja vista que ela estuda “[...] os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes [...] o pesquisador vai a campo buscando ‘captar’ o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno” (GODOY, 1995, p. 21).

#### **4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS**

A definição e o diagnóstico da dislexia, bem como o encaminhamento pedagógico direcionado ao dislético, passaram por modificações ao longo dos anos.

No contexto escolar, os encaminhamentos pedagógicos estão relacionados principalmente à conduta do professor. Vale frisar que o professor não é o único sujeito responsável pelo desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, pois os fatores econômicos, políticos, sociais e culturais presentes na sociedade interferem nesse processo. Contudo, o professor desempenha um papel fundamental na educação, que é ensinar. Para tanto, mesmo estando limitado a fatores de ordem econômica e política, como a falta de políticas públicas, os fatores interferem em seu trabalho cotidiano, embasado em sua formação teórica, pode e deve intervir de forma favorável no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem do dislético.

Desse modo, o professor deve compreender o que é dislexia e adequar sua metodologia de ensino, pois o aluno com dislexia precisa de um atendimento especializado. A intervenção pedagógica adequada, embasada em conhecimentos específicos teóricos, acarretará ao aluno com dislexia uma inclusão educacional de fato, além de uma melhor qualidade de vida.

Contudo, destacamos que, a intervenção pedagógica adequada, embasada em conhecimentos específicos teóricos, acarretará ao aluno com dislexia uma melhor qualidade de vida.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluiu-se, pelos estudos realizados, que a dislexia é um distúrbio que requer um tratamento específico, considerando que oscila de acordo com sua classificação. O fato é que existem encaminhamentos pedagógicos que visam oportunizar o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem do disléxico. No entanto, no ambiente escolar, o disléxico passa por dificuldades, pois além de possuir esse distúrbio, muitos profissionais desconhecem e/ou possuem poucas informações sobre esse o assunto.

Destacamos que os estudos sobre a dislexia não se esgotam nos resultados já alcançados, além do que, os direitos adquiridos pelos disléxicos são frutos de um processo histórico, que não surgiram do dia para a noite. Direitos esses que ainda demandam lutas mais acirradas para serem assegurados de fato no contexto escolar, como a aprovação de políticas públicas específicas ao disléxico, além da incorporação das políticas no sistema educacional.

## REFERÊNCIAS

CIASCA, Sylvia Maria; MOURA-RIBEIRO, Maria Valeriana Leme de. Avaliação e manejo neuropsicológico da dislexia. In: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 181-193.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Pesquisas**: exploratória, descritiva e explicativa. 2012. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/regras-abnt/pesquisas-exploratoria-descritiva-explicativa.htm>>. Acesso em: 09 out. 2016.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 03, p. 20-21, maio/jun. 1995. Disponível em: <file:///C:/Users/Home.Home-PC/Downloads/38200-76053-1-PB.pdf>. Acesso em: 16 out. 2016.

GONÇALVES, Aurea Maria Stavale. **Dislexia**: atenção aos sinais. 2015. Disponível em: <<http://dislexia.org.br/v1/images/pdf/Dislexia-atencao-aos-sinais.pdf>>. Acesso em: 28 set. 2016.

JARDINI, Renata Savastano Ribeiro. **Alfabetização e reabilitação pelo método das boquinhas**: fundamentação teórica. Bauru: R. Jardini, 2010.

JOSÉ, Elisabete da Assunção; COELHO, Maria Teresa. **Problemas de aprendizagem**. 12. ed. São Paulo: Ática Didático, 1999.

MOOJEN, Sônia; FRANÇA, Marcio. Dislexia: visão fonoaudiológica e psicopedagógica. *In*: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 165-180.

OLIVEIRA NETTO, Alvim Antonio de. **Metodologia da pesquisa científica guia prático para apresentação de trabalhos acadêmicos**. 3. ed. Florianópolis: Visual Books, 2008.

PORTAL EDUCAÇÃO. **O professor e o trabalho com o aluno disléxico**. 2013. Disponível em: <<http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/26881/o-professor-e-o-trabalhocom-o-aluno-dislexico>>. Acesso em: 17 out. 2016.

REOSERA, Montserrat Antón; A; SERRAHIMA, Isabel Ferrer; ELIAS, Carles Llombart. Crianças com necessidades educativas especiais. *In*: ARRIBAS T. L. et al. **Educação infantil**: desenvolvimento, currículo e organização escolar. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 317 - 330.

ROTTA, Newra Tellechea; PEDROSO, Fleming Salvador. Transtornos da linguagem escrita-dislexia. *In*: ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. **Transtornos da aprendizagem**: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed, 2006.p. 151-164.

Site da Associação Brasileira de Dislexia (ABD). **O que é dislexia?** 2016. Disponível em: <<http://www.dislexia.org.br/o-que-e-dislexia/>>. Acesso em: 20 set. 2016.